
Sonhos de poeta: a propósito de *Oníricas* de Ana Marques Gastão

Maria Irene Ramalho
Universidade de Coimbra

DOI

<https://doi.org/10.37508/rcl.2024.n51a1097>

Tinha-me esquecido, e ela provavelmente também já não se lembraria, mas a verdade é que conheci a Ana Marques Gastão num encontro na Casa Fernando Pessoa em 2016. O encontro fora concebido pela Ana Luísa Amaral, que lhe dera um título – “O sexo é só um acidente? E se poetas falassem de poetas?” – e me convidara a moderá-lo. Trocaram falas-de-si Maria Teresa Horta, Ana Paula Tavares, Ana Marques Gastão e Margarida Vale de Gato. Foi uma bela conversa de mulheres poetas com uma voz nova para mim: Ana Marques Gastão. Comoveu-me muito ouvi-la. Falava de Ana Hatherly e a sua fala saía-lhe embargada e interrompida. A morte recente de Ana Hatherly ainda doía demasiado a Ana Marques Gastão.

Quando, anos mais tarde, *Oníricas* (2023) me chegou às mãos, imediatamente os sonhos-poemas-em-prosa de Ana Hatherly em *Ana-*

crusa (1983) me vieram à ideia. Não é, no entanto, sobre influência que desejo escrever. Prefiro falar de constelações de poetas e constelações de poemas, e podia até começar por ler “Sopro”, um belíssimo poema com “um astro em cada dedo” e “mil galáxias” (Gastão, 2023, p. 17). Ou, então, o luminoso “O vestido das estrelas”, que fala de constelações como “utopias ortográficas” e deixa entrever que os desenhos que falam da incompletude do poema talvez não sejam totalmente aleatórios – o título é seguido de um símbolo gráfico onde se adivinha um “vestido” de Sírius (Gastão, 2023, p. 61).

Hoje vou antes pedir emprestado a Alberto Pimenta um conceito que me parece também muito produtivo: o conceito de *réplica poética*. Diz Alberto Pimenta (2003, p. 84-85):

réplica (réplica a que os teóricos gostam muito de chamar *influência*, porque não imaginam o mundo doutra maneira senão em termos de cópia e de apropriação, não imaginam que os poetas discursam em *réplica* uns para os outros, em parte no meio do discurso geral do mundo), talvez em *réplica* Mário de Sá-Carneiro tenha dito a Rimbaud ‘Eu não sou eu nem sou o outro’, e Fernando Pessoa, pela pessoa de Álvaro de Campos: ‘Os outros também são eu’.

A poesia escreve-se na poesia.

Talvez aos leitores mais dedicados de Ana Hatherly a sua *Anacrusa* se deixe ouvir nos “poemas inacabados” de *Oníricas*, como se eles fossem um comentário a mais a acrescentar aos que Ana Hatherly pedira na altura “a alguns colegas e amigos das letras e das artes” sobre os seus “sonhos-em-texto” (Hatherly, 1983, p. x), ano, p. x) Mas muito mais belo e fértil é um ouvir outro. Ana Marques Gastão esclarece no seu prefácio que “os poemas de *Oníricas* nasceram, na grande maioria, da transcrição de sonhos ocorridos durante décadas”. “Na grande maioria” quer dizer “não todos”. Al-

guns resultaram, então, de sonhos inventados. E por que não, se há tanto que “só o sonho ajuda a compreender” (Gastão, 2023 p. 66)? Não é o poemar uma espécie de arrogância à maneira de Humpty Dumpty? A língua é poder, e o que importa é saber quem manda. E quem manda é a poeta.

Disse Nietzsche um dia que antes dele ninguém sabia o que pode ser feito com a língua alemã. E a seguir foi bem mais fundo – antes dele ninguém sabia o que pode ser feito com qualquer língua. Conclui-se: o que a poesia faz, fá-lo na língua, mas o que *Oníricas* nos diz é que a língua não basta. Os poemas de *Oníricas* não existem sem os “quase-desenhos” que os acompanham. Lê-se no final do Prefácio:

Os quase-desenhos que integram os poemas de *Oníricas* (...) fogem (...) ao texto ou prolongam-no, riem-se com ele ou desviam-se de formatos consensuais, irrompem, amiúde, no ecrã/papel como rabiscos irreverentes. Não os vejo como poesia visual, pois o elemento literário predomina e o gráfico-visual surge enquanto descentramento vibrátil, ou uma respiração. Foi como se eu me sentasse no chão e o riscasse, a giz, ao som da música do desconhecido (Gastão, 2023, p. 9).

A língua silencia em seu dizer, e os poemas têm de recorrer a garatujas ou simples tracejados que digam o que calam. Talvez assim se possa ler também os famosos travessões de Emily Dickinson, que já fizeram correr rios de tinta. E, quem sabe, os grafismos insólitos de Próspero saíz:

purple petals flutter down
 ./
 ./ the rising cock starts to crow
 ./ where the streaks of dawn grow
 ./ (silk against silk/
 ./ blood & mothersmilk)

Debruço-me na memória do
sonho, do sono redondo, e é
a sombra que vejo, a cruz ou
o seu contorno, as pálpebras
das aves, as rosas-de-toucar.

Só à força de não ver mais
vemos, crianças sedentas do
impossível de onde o mar
se levanta na luz de um halo.
(Gastão, 2023, p. 21).

Tal como “Halo”, todos estes novos poemas de Ana Marques Gastão estão repassados do divino e de outros mistérios sagrados, muito caros à poeta, como a arte, o mito, a natureza, a vida, o universo, a alma. E o tetragrama bíblico – YHWH – que *não-diz* “o nome impronunciável” de Deus.

RECEBIDO: 02/08/2023 APROVADO: 19/10/2023

REFERÊNCIAS

HATHERLY, Ana. *Anacrusa. 68 poemas*. Lisboa: & etc., 1983.

PIMENTA, Alberto. *O silêncio dos poetas*. Precedido de Reflexões sobre A função da arte literária e de A dimensão poética das línguas. Lisboa: Cotovia, 2003.

SAÍZ, Próspero. *The Bird of Nothing*. Madison: Wisconsin: Ghost Pony Press, 1993.

MINICURRÍCULO

MARIA IRENE RAMALHO é Professora Catedrática jubilada da Seção de Estudos Anglo-Americanos do Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde foi coordenadora científica dos programas de doutoramento em Estudos Americanos e em Estudos Feministas. De 1998 a 2018 foi Intrenacional Affiliate do Departamento de Literatura Comparada da Universidade Wisconsin-Madison, onde lecionou regularmente como professora vi-

sitante. Tem publicado extensamente sobre temas de literatura e cultura de expressão inglesa (com especial incidência na poesia dos Estados Unidos), estudos americanos, literatura comparada, teoria poética, estudos culturais e estudos feministas. Entre as suas áreas de interesse, destacam-se os estudos sobre o Modernismo e a Modernidade, estudos comparados sobre poesia, poética e filosofia, teorias dos estudos americanos e teorias do feminismo.